

REVISTA DA
UNIÃO BRASILEIRA
DE COMPOSITORES
#11 / DEZEMBRO DE 2011

Revista

UBC



TRÊS DÉCADAS SEM SAIR DE MODA

FÁBRICA DE HITS, ROUPA NOVA CONTINUA A COLECIONAR FÃS, MANTENDO O MESMO PIQUE - E A MESMA FORMAÇÃO - DE QUANDO SURTIU

+ BRASÍLIA: CAPITAL DE ESTILOS

+ MÚSICA NAS ESCOLAS



PORTAL DO ASSOCIADO

Em portal.ubc.org.br, de qualquer lugar você pode:

- consultar obras
- consultar fonogramas
- conhecer seus créditos retidos
- alterar dados cadastrais
- obter demonstrativos de pagamento*
- obter recibos de pagamento*

Para pedir seu login, envie um e-mail a atendimento@ubc.org.br e conecte-se ainda mais à UBC!

* Para ter acesso às informações financeiras, você deve mencioná-lo explicitamente no pedido. Uma vez que o titular passe a receber os extratos pelo portal, já não terá os demonstrativos em papel.



União Brasileira de Compositores



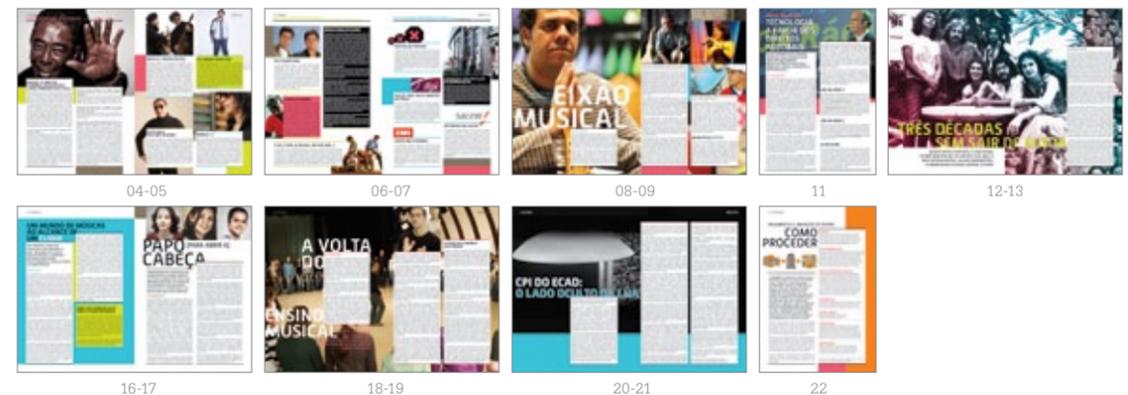
EDITORIAL

Mais um ano se vai, e a briga entre civilização e barbárie continua.

Os autores querem que seus direitos sejam respeitados e pagos, mas muitos ainda se negam a seguir o que mandam a Constituição do Brasil, a lei autoral e os tratados internacionais. Gostaríamos que nosso tempo fosse todo dedicado a criar canções para alegrar e tornar melhor a vida das pessoas.

Se não é possível, nós nos desdobramos, vamos à luta e à Justiça, sem deixar de compor, tocar e cantar os sentimentos musicais e poéticos dos brasileiros.

Fernando Brant



ÍNDICE

04 : LANÇAMENTOS NACIONAIS
06 : **NOVIDADES**
07 : INTERNACIONAIS
08 : **BRASÍLIA**
11 : FIQUE DE OLHO

12 : **CAPA ROUPA NOVA**
16 : LICENCIAMENTO
17 : **CONCURSO**
18 : MÚSICA NAS **ESCOLAS**
20 : CPI
22 : PARA APROVAR UM **SHOW**

Oops! Diferentemente do que foi publicado na última edição, a foto de capa, do cantor Rômulo Frôes, foi feita pelo ApartStudio.

A **Revista UBC** é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivos a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural / **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, José Antônio Perdomo, José Loureiro (in memorian), Manoel Nenzinho Pinto, Ronaldo Bastos e Sandra de Sá / **Diretora-executiva:** Marisa Gandelman / **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr / **Projeto gráfico e diagramação:** 6D / **Editor:** Alessandro Soler (MTB 26293) / **Colaboraram nesta edição:** André Bezerra, Cláudia Amorim, Leonardo Cazes e William Helal Filho/ **Capa:** Arquivo/ Divulgação / **Tiragem:** 5.000 exemplares / Distribuição gratuita

MACAU, 42 ANOS DE CARREIRA, 200 SUCESSOS, PRIMEIRO DISCO SOLO

São 42 anos de uma carreira cheia de sucessos, que começou meio no susto, depois de um convite para formar uma banda e tocar no 1º Festival de Inverno do Teatro Casa Grande, em 1969. "Foi uma salada geral, éramos três negros da Cruzada São Sebastião (comunidade criada pelo cardeal Dom Hélder Câmara em pleno bairro do Leblon, no Rio) e uma galera da classe média da vizinhança. E vencemos! O nome da banda? Paulo Bagunça e A Tropa Maldita", lembra o craque Macau, compositor de 200 canções que agora lança seu primeiro disco de carreira. Parceiro histórico de Sandra de Sá, para quem compôs o clássico "Olhos coloridos", ele fez seu nome sob as bênçãos de Jorge Ben Jor, Tim Maia e do jornalista e crítico Nelson Motta. E não para de renovar as parcerias, agora com BNegão, MV Bill, Gabriel Moura e Nise Palhares, todos fãs do seu trabalho. Este mês vai ter show no Espaço Gabinete, na Lapa; em janeiro, na quadra da Acadêmicos da Rocinha; e, em fevereiro, no Circo Voador, todas casas de show no Rio de Janeiro.

Por que demorou tanto até lançar o primeiro disco solo de carreira?

MACAU: É uma pergunta difícil de responder, mas creio que sempre me identifiquei mais com o compositor que existia em mim e esperava que artistas gravassem a minha música. Não me via subindo num palco para fazer um show todo sozinho. Talvez isso fosse uma fuga, um medo de conduzir o meu próprio destino. Com o passar dos anos, comecei a perceber que tinha que gravar o meu trabalho para dar mais visibilidade às minhas obras. Consegui! O Decio Cruz, da Warner, me abriu as portas do estúdio, a minha atual mulher (Moara Fernandes) organizou a minha vida e a minha obra, a Sandra de Sá retornou à minha vida para me dirigir, produzir e levantar minha autoestima... Por isso sai meu primeiro disco, "Macau - Do jeito que sua alma entende", um trabalho que chegou no momento em que tinha que chegar: 2012 que me aguarde!

Você tem muitos sucessos, mas "Olhos coloridos" realmente é insuperável. Isso é motivo de orgulho ou o aborrece?

MACAU: Como posso me aborrecer se a minha sobrevivência vem dessa canção? Em 2012 vai fazer 30 anos que ela foi gravada pela primeira vez, pela Sandra. Me orgulho muito porque, três décadas depois, continua na boca do povo.

Na época, você falou sobre o racismo de um modo extremamente lírico. Hoje o que está na ordem do dia? O que o inspira?

MACAU: São tantas coisas! Um olhar, um sorriso feminino e essa desordem social que nos acompanha todo dia são algumas delas.

Seus sucessos lhe rendem dividendos? Como vê a questão da arrecadação de direitos autorais no país?

MACAU: "Olhos coloridos" me rende dividendos maiores. "Cheiro de Brasil" e "Tem alguma coisa errada aí", parcerias com Sandra de Sá, gravadas no novo trabalho dela, começam a me render. Preta Gil gravou "Estágio no perigo", que me dá um bom retorno. Eu convivo com essa questão de arrecadação há mais de 40 anos e só agora, nos últimos quatro anos, passei a entender um pouco mais. Sempre reclamei sem entender e nunca procurei acompanhar de perto. O primeiro passo foi trocar de sociedade para organizar um pouco a minha obra. Isso é democracia, temos opção. Hoje tenho um retorno muito maior. Atualmente estou na UBC e me sinto em casa. Acredito que a arrecadação de direitos autorais no Brasil está evoluindo para melhor. As gravadoras, as editoras, as sociedades, o Ecad, as produtoras, os selos, os artistas estão cada vez mais perto e juntos. Temos que lutar para acabar com o preconceito que impera na nossa sociedade, que impede a valorização da arte como profissão. O artista é um profissional e merece ser remunerado por seu trabalho.



BEATLES, VERSÃO DUOFEL

O nome é imponente: "Duofel plays The Beatles - Live - The Carvern Club". O som também. A talentosa dupla de violonistas Fernando Melo (alagoano) e Luiz Bueno (paulista), craques autodidatas, acaba de lançar o novo DVD. Além de reproduzir na íntegra o show que eles fizeram ano passado no mítico Cavern Club, a casa onde surgiram os Beatles, em Liverpool, a obra traz o making of "O sonho nunca acabará". A base do novo trabalho é o disco "Duofel plays The Beatles", lançado em 2009. Destaque para as releituras de "Eleanor Rigby", "Here comes the sun", "A day in the life", "Norwegian wood" e "Strawberry fields forever", bem recebidas até pelos beatlemaníacos que lotam diariamente o Cavern, ele próprio uma reconstrução do original, demolido nos anos 1970. "Foi muito surpreendente, estávamos tocando Beatles sem cantar e recriando aquelas músicas em novo estilo... E o público gostou", contou Luiz.



GUTO SOLO, MAS NÃO SÓ

O baterista Guto Goffi, do Barão Vermelho, lança este mês seu primeiro trabalho solo. Com 22 canções inéditas, entre elas duas exclusivamente instrumentais, "Alimentar" tem dupla roupagem: um CD físico, com dez músicas, e o trabalho completo, com 22, que poderá ser baixado em www.gutogoffi.com. 'Alimentar', na verdade, se divide entre o corpo, o CD, e a alma, o mundo virtual", ele define. Produzida ao longo de seis anos, a empreitada é um passeio por blues, tango, baladas, bossa nova, MPB e, é claro, rock - e inclui parcerias com o próprio Barão (em sua formação totalmente original), com Rodrigo Netto, ex-Detonatas, e com João de Aquino. A produção é de Claudio Gurgel, Luciano Lopes e do próprio Guto.



ACLAMADO RENEGADO

Depois da excelente surpresa de "Do Oiapoque a Nova York", o rapper mineiro Flávio Renegado volta com um novo trabalho que funde referências e sons e faz pensar. "Minha tribo é o mundo" está sendo lançado numa série de shows pelo país e reflete as andanças do artista e ativista por países como Cuba, Inglaterra, Austrália, Espanha e França. Com produção de Plínio Profeta e tendo Donatinho e Edu Krieger como parceiros, o disco mostra o amadurecimento de Renegado, que já dividiu trabalhos com grandes nomes da música brasileira, como Lenine, Toninho Horta, Fernando Catatau e Aline Calixto. Para baixar "Minha tribo é o mundo", acesse www.flaviorenegado.com.br.



MARISA + 5

Cinco anos depois dos dois últimos trabalhos, "Universo ao meu redor" e "Infinito particular", lançados simultaneamente, Marisa Monte está de volta em "O que você quer saber de verdade", que chegou às lojas - físicas e virtuais - no início de novembro. Oitavo álbum de carreira da cantora carioca, teve direito a prévias lançadas em www.marisamonte.com.br. Vencedora de três prêmios Emmy e com nove milhões de discos vendidos, Marisa retoma as parcerias com Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown e aposta num dueto com Rodrigo Amarante, ex-Los Hermanos. Além de várias inéditas, o trabalho tem ainda a releitura de "Descalço no parque", de Jorge Ben Jor, e do tango "Lencinho querido" ("El pañuelito"), gravado por Dalva de Oliveira nos anos 50.



PAZ DURADOURA

O novo sertanejo já não era novidade àquela altura, naturalmente. Mas ganhou uma força de proporções inesperadas numa noite de 1991, quando o programa "Fantástico", da TV Globo, exibiu o clipe que marcava a estreia nacional da canção "Paz na cama", de Edson Mello. O estrondo causado pelos versos "e se de dia a gente briga, à noite a gente se ama" abriu as portas da extinta casa de shows Canecão, no Rio - historicamente refratária a nomes da música caipira - aos seus intérpretes, Leandro e Leonardo. Aos 20 anos, e ainda na cabeça dos brasileiros, o maior hit de Mello coleciona releituras - mais de 200, em ritmos como samba, cumbia, forró, salsa e pop.



O NOVO DO NEREU

Um dos maiores pandeiristas em atividade no Brasil, Nereu São José se prepara para entrar em estúdio e gravar seu segundo CD solo. A julgar pela repercussão do primeiro, vem coisa boa por aí. Carioca de nascimento e radicado desde os anos 60 em São Paulo, esse craque, que se projetou na cena do samba rock em 1968, apadrinhado por Jorge Ben Jor e como integrante do clássico Trio Mocotó, faturou o prêmio da APCA com o álbum anterior, "Samba power", de 2005, lançado pela YB. "Acho que a coisa mais divertida sobre esse resgate do samba rock é que está havendo uma verdadeira renovação. Fui tocar com o Farofa Carioca na Casa Rosa, no Rio, e me surpreendeu ver aquela garotada tão interessada", ele conta.

O SUL É SOUL (E REGGAE, HIP HOP, R&B...)

Já conquistou o Sul - e se espalha pelo país - o som de um quarteto repleto de canções de pegada jovem, com letras sobre amor, amizade e curtidão, que flerta com reggae, soul, r&b, hip hop e o que mais a inesgotável black music for capaz de gerar. Com sete anos de estrada - ou de praia -, os catarinenses da Nego Joe, de Balneário Camboriú, estão surfando uma bela onda, com a inclusão da sua música "Give me love", composta pelo vocalista e líder da banda, Nego, na trilha da nova temporada da série "Malhação", da TV Globo. "Estamos muito felizes e animados com essa fase. O mais engraçado é que a música que está nos projetando nasceu de um sentimento não correspondido por uma menina", ri Nego.

MÚSICA PARA OS OLHOS

PESQUISADOR E LETRISTA EUCLIDES AMARAL RELANÇA LIVRO COM HISTÓRIAS SABOROSAS SOBRE A MPB

Foram quase 30 anos de pesquisas e muitas e saborosas histórias acumuladas. O pesquisador musical, letrista, poeta e produtor Euclides Amaral reuniu tudo no livro "Alguns aspectos da MPB", de 2008, que ganha edição revisada e ampliada pela Esteio Editora. Nele, foca quatro estilos seminais da cena urbana carioca e brasileira: choro, samba, hip hop e funk. Em ordem cronológica, Amaral traça as origens da nossa música popular, destacando as influências negras, indígenas e brancas. O autor conta que o livro vem sendo usado em cursos de Música e que a versão em PDF (baixadafacil.com.br/downloads/livro-alguns-aspectos-da-mpb-2010.pdf) já teve 15 mil downloads.

Chama a atenção o destaque para quatro estilos individualmente: choro, samba, hip hop e funk. Qual foi a sua intenção?

EUCLIDES AMARAL: Eu não teria como incluir neste livro outros gêneros importantes com a profundidade que pretendia, por isso tive de escolher. Trata-se de quatro gêneros musicais imbuídos de conceitos amplos nas áreas sociológica e antropológica.

Se tivesse que incluir apenas um novo ritmo numa terceira edição, qual seria?

AMARAL: O rock! Gênero musical alienígena, mas bem adaptado à nossa realidade a partir da década de 1960. No ensaio "A Nova Geração da MPB no século XXI", dou pinceladas sobre ele. Há muito preconceito contra estilos contemporâneos urbanos, como hip hop e funk.

Qual foi sua intenção ao colocá-los lado a lado com os "clássicos" samba e choro?

AMARAL: Quis ressaltar a importância de cada um desses movimentos aglutinadores de novos conceitos sociais. É só olhar com os olhos livres, tendo em vista que o samba e o choro também já foram marginalizados e, hoje, são tidos como clássicos por sua importância, enfim, reconhecida.

No livro há muitas minúcias e histórias saborosas. Quais delas mais o surpreenderam?

AMARAL: A história de Beatriz Ferrão, nascida em 1792, musicista anterior a Chiquinha Gonzaga. Outra coisa boa foi pesquisar sobre a infinidade de instrumentos do choro e do samba.



ASFIXIA AOS PIRATAS

O Parlamento dos EUA divulgou um projeto de lei que, se for aprovado, vai impor no país uma política rigorosa contra a pirataria na internet. O chamado Stop Online Piracy Act daria amplos poderes ao Departamento de Justiça americano para enquadrar sites que facilitem os downloads ilegais. Segundo a proposta, o governo e os detentores de direitos autorais, ao identificar um website infrator, poderiam entrar em contato com empresas financeiras (bancos, cartões de crédito), além de eventuais patrocinadores, e exigir o fim das transferências aos piratas.



VOZ DE PESO PELOS DIREITOS AUTORAIS

O tenor e maestro espanhol Plácido Domingo, ganhador de 12 prêmios Grammy, foi nomeado o novo presidente da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI). O artista terá função institucional e será responsável por promover internacionalmente as prioridades da organização. Sua principal atribuição será ajudar a aperfeiçoar a legislação de direitos autorais, promover o trabalho dos detentores de direitos autorais e colaborar na criação de campanhas de educação direcionadas ao público na era da internet.

EMI

GRUPO EMI É VENDIDO

Em novembro, o Citigroup acertou as condições de venda do grupo EMI. Sujeita à aprovação pelas autoridades reguladoras da Europa e dos EUA, a Universal Music Group comprará a gravadora EMI por cerca de 1,9 bilhão de dólares, enquanto a Sony Corp., junto com um grupo de investidores, ficará com a editora por cerca de 2,2 bilhões de dólares. Coube ao Citigroup o controle da EMI depois que a Terra Firma Capital Partners, que havia comprado o grupo em 2007, não conseguiu cumprir com o financiamento assumido com o banco.



GRAVAÇÕES TÊM PROTEÇÃO ESTENDIDA NA UE

Em setembro, após votação no Conselho de Ministros em Bruxelas, a União Europeia aprovou a extensão do prazo de proteção para as gravações, que passa de 50 para 70 anos a contar da primeira publicação. Esta mudança, que foi apoiada por diversos artistas, irá equiparar a proteção dos intérpretes e produtores à proteção oferecida aos autores e será implementada até 2014 - a tempo de favorecer artistas que lançaram músicas nos anos 60, como Paul McCartney e Cliff Richards.

sacem F

REFORMAS NA SACEM

A francesa Sacem, uma das mais antigas sociedades de gestão coletiva de direitos autorais do mundo, vai passar por uma reformulação. Seu conselho de administração decidiu modificar os estatutos a fim de simplificar o funcionamento da sociedade. Os associados serão chamados a ratificar as modificações durante uma Assembleia Geral Extraordinária em 2012. O atual presidente, Bernard Miyet, deixará o cargo no ano que vem. De acordo com uma nota divulgada pela Sacem, em linha com as reformas estruturais, a sociedade vai aprofundar sua luta pela defesa do direito de autor em nível internacional e pela preservação de um sistema de remuneração justo e transparente.

CENA EFERVESCENTE
FAZ DE BRASÍLIA
UMA CAPITAL
DE MUITOS ESTILOS

EIXÃO MUSICAL

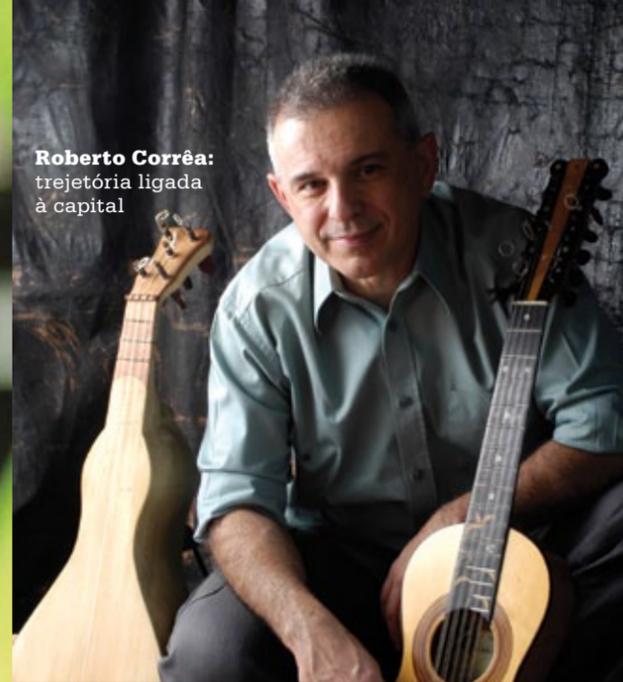
Por André Bezerra *Fotos de divulgação

Os mais desavisados podem acreditar que a história da música de Brasília se resume à época em que foi a capital do rock, tamanho o legado deixado por bandas como Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial e tantos outros nomes consagrados. Um olhar mais atento, contudo, vai captar um cenário musical efervescente, marcado pela diversidade e pelo encontro de diferentes gerações e estilos.

O rock, claro, ainda figura entre seus grandes trunfos, mas convive - e se mistura - com reggae, rap, choro, forró, viola caipira, música eletrônica e um grande número de manifestações tradicionais que já povoavam o Planalto Central antes sequer do surgimento da cidade. "Brasília foi construída para integrar o Brasil, e para cá veio todo tipo de gente, com suas culturas. A mistura foi grande. É uma capital

Hamilton de Holanda:
"Sou influenciado por
essa mistura"

Roberto Corrêa:
trajetória ligada
à capital



multicultural", defende Roberto Correa, músico mineiro que adotou o DF e nele se desenvolveu artisticamente há 35 anos.

A trajetória do violeiro ilustra bem o processo de fermentação do caldeirão musical da região. Saiu da pequena Campina Verde para estudar na capital federal e, ainda na universidade, iniciou sua trajetória na música, sem deixar de lado a paixão pela viola, tão presente em sua terra natal. Hoje, é um dos grandes expoentes do instrumento, apresenta-se em todo o Brasil e no exterior, é professor e pesquisador e também organiza o Festival Nacional de Viola. "Brasília tem músicos muito entusiasmados e interessados em pesquisar tanto as tradições musicais quanto suas inovações. Assim, a viola serve como referência para muita gente que está criando por aqui", avalia.

O choro também migrou para Brasília junto com as centenas de candangos que, aos poucos, foram chegando de outras regiões. E do Planalto saiu um de seus representantes mais cosmopolitas: o instrumentista Hamilton de Holanda. Vencedor de duas categorias do Prêmio da Música Brasileira, este ano, melhor álbum instrumental - ao lado de André Mehmari - e melhor solista, pelo disco da turnê "Esperança - Ao vivo na Europa", o bandolinista contribuiu para consolidar o forte movimento da música instrumental na cidade.

"Esse reconhecimento é muito gratificante, pois me estimula como músico a me aprofundar na busca criativa", teoriza Holanda, que, além de pesquisador do estilo musical, promoveu inovações técnicas no uso do bandolim, ao acrescentar mais cordas ao instrumento, totalizando dez. "Tento fazer com a minha música um trabalho que é espelho do Brasil e também de Brasília. Não me prendo a um estilo, sou influenciado por essa mistura de referências culturais que existe por aqui".

Para Célia Porto, que, ao lado de nomes como Cássia Eller e Zélia Duncan, ajudou a ampliar o espaço das mulheres no mercado musical, a juventude da capital federal a torna um celeiro de possibilidades. "Brasília é uma cidade nova, ainda entendendo suas tradições", avalia a cantora, que não trocaria o Planalto Central por outras paragens. "Já tive o meu momento São Paulo e Rio de Janeiro. É preciso estar atento às vitrines, mas na hora certa. Amo Brasília e nasci nesta cidade, foi minha escolha de vida morar aqui, ainda mais depois que fui mãe. Brasília ainda é um lugar bom de viver", defende. Com mais de 20 anos de carreira, Célia se prepara para o lançamento de seu primeiro DVD, incluindo canções de seus quatro álbuns e diversas influências da

Célia Porto:
expoente feminina, ao lado de
Cássia Eller e Zélia Duncan



Mc Japão:
um dos destaques da
cena urbana do DF



música popular brasileira, sempre em parceria com seu marido, o músico Rênio Quintas.

Do Norte, do Nordeste... De onde quer que tenham saído trabalhadores que ajudaram a erguer a hoje metrópole que sintetiza o Brasil vieram mais influências para a música brasiliense. O Trio Siridó, o mais tradicional grupo de forró em atividade na capital, completa agora 40 anos. "Nos sentimos muito bem radicados aqui. É uma paixão por esta cidade", declara seu amor o músico Torres do Rojão, um dos fundadores do trio, que hoje é uma banda e tem reconhecimento até mesmo em Caruaru (PE) e Campina Grande (PB). "No começo não foi fácil divulgar nosso trabalho num lugar como esse, tão diferente. Ao mesmo tempo, éramos dos poucos e fomos sobrevivendo e ganhando o gosto das pessoas", conta o músico, que acompanhou o nascimento de uma nova geração, dentro das universidades, como o grupo Pé de Cerrado.

CULTURA URBANA NO PLANALTO

O rap e o hip hop representam uma face pouco divulgada, a cultura de rua do Distrito Federal. Artistas baseados, em grande parte, em bairros de Ceilândia e Taguatinga cantam rimas que misturam a "sociedade com a política, criando facilidade de entendimento, entretenimento e responsabilidade em suas ações", como define um veterano MC da cidade, Japão. Ele não está só. É de Brasília a jovem e talentosa MC Flora Matos, indicada ao VMB 2011 e abraçada por outra cena musical efervescente, a de São Paulo.

Não muito distante no tempo ficou o momento em que o reggae era a grande expressão urbana da cidade.

Nos anos 90, a banda Nativus, hoje Natiruts, deu uma identidade brasileira ao ritmo jamaicano e o popularizou entre toda uma geração. O guitarrista e produtor Kiko Péres fez parte da banda e, hoje, prossegue seu trabalho com o In Natura, ao lado dos companheiros Bruno Dourado e Izabella Rocha. "O reggae é uma das expressões da música jovem de Brasília, juntamente com o rock, o blues e muitas outras vertentes. E tem uma história e um público cativos", sustenta.

Sua atuação polivalente como produtor e músico – também tocou na extinta Pravda! – demonstra um traço fundamental dos artistas da cidade, a versatilidade. "Hoje em dia, Brasília não deixa a desejar para cidades como Rio ou São Paulo em termos técnicos ou artísticos. Temos profissionais qualificados, e houve muito investimento em estúdios, estruturas de gravação", defende. Seu próximo lançamento solo, o CD "Love, Surf, Experience", que traz regravações de Jimi Hendrix em versões acústicas e em reggae, foi remasterizado e elogiado pela equipe dos estúdios de Abbey Road, em Londres.

Para ele, contudo, a cidade ainda precisa encontrar meios de fortalecer seus artistas. "Na época dos Raimundos, por exemplo, as rádios ajudavam a divulgar artistas locais. Hoje, existem as novas tecnologias digitais, mas também é muito grande o volume de informação. É preciso persistir e encontrar os canais ideais de comunicação com o público", conclui. O representante da União Brasileira de Compositores, Gustavo Vasconcelos, acredita que a cidade tem buscado novas plataformas de difusão. "Os músicos formam uma comunidade muito abrangente, porém muito unida. Existe apoio e cooperação. A cada dia têm surgido novos festivais e meios colaborativos para a música local".



In Natura:
renovação no mundo do reggae

"Hoje em dia, Brasília não deixa a desejar para cidades como Rio ou São Paulo em termos técnicos ou artísticos. Temos profissionais qualificados, e houve muito investimento em estúdios, estruturas de gravação"

Kiko Péres, da banda In Natura



Móveis Coloniais de Acaju:
filosofia do "faça você mesmo"

COLABORAÇÃO COMO ESTRATÉGIA

A banda Móveis Coloniais de Acaju, formada por dez músicos e um colaborador, é um belo exemplo de como o relacionamento colaborativo com outros artistas, parceiros e públicos pode se tornar bem sucedido. Na estrada há 13 anos, mantém o mesmo espírito independente e a filosofia do "faça você mesmo" de quando começaram os primeiros acordes de ska, nos tempos de colégio e da Universidade de Brasília. Paulo Rogério, saxofonista tenor do grupo, conta como chegaram a esse arranjo.

Este ano, o MCA concorreu em duas categorias do prêmio VMB e tem um público cada vez maior. Como foi sua trajetória?

PAULO ROGÉRIO: O reconhecimento veio por nossa persistência e nossa união. Somos um grupo grande, somos amigos e fazemos música com muito amor. Esse clipe que concorreu na MTV foi uma loucura. Gravamos em tempo real, com transmissão ao vivo na internet e com participação dos fãs via Twitter. Acho que foi a primeira experiência do tipo no mundo!

Também em 2011, o Móveis produziu seu próprio festival, Móveis Convida. De onde veio essa ideia?

PAULO: Quando lançamos nosso primeiro disco, fizemos uma experiência de convidar outros artistas e vimos que é muito bom poder trocar experiências com amigos de outros estados e também poder fortalecer a cena local. Além dos shows, também contribuimos com workshops, apresentações em escolas públicas. Queremos mesmo fazer a música circular.

E como fazem para manter o espírito independente que os acompanha ao longo dos anos?

PAULO: É uma opção nossa. Construímos nosso trabalho de forma que somos os responsáveis pela produção dos nossos shows, pela arte dos materiais de divulgação, pelas camisetas, por tudo. Buscamos valorizar todos os nossos talentos e superamos as dificuldades respeitando nosso público.

ROCK CANDANGO NO CINEMA

Para os fãs do rock candango, a boa notícia é o lançamento de "Rock Brasília – A era de ouro", em cartaz em território nacional, e "Faroeste caboclo", com previsão de estreia para o início de 2012. O primeiro é um documentário de Vladimir Carvalho, contando bastidores da Turma da Colina, como ficaram conhecidos os integrantes de bandas como Legião Urbana, Capital e Plebe Rude. O longa traz entrevistas inéditas com Renato Russo e outras imagens históricas. O segundo é uma ficção inspirada numa das canções mais famosas do líder da Legião, um banguê-banguê que narra a controversa biografia do bandido João de Santo Cristo. A direção é de René Sampaio.

FIQUE DE OLHO

TECNOLOGIA A FAVOR DOS DIREITOS AUTORAIS

ECAD DESENVOLVE SISTEMA PRÓPRIO PARA IDENTIFICAR INSTANTANEAMENTE MÚSICAS EXECUTADAS NAS RÁDIOS E, ASSIM, GARANTIR A DISTRIBUIÇÃO

Por Leonardo Cazes * Foto de Marcelo Campos

As novas tecnologias não param de transformar o consumo de música e impõem desafios aos direitos autorais. No entanto, favorecem a própria arrecadação e a distribuição, garantindo que compositores, intérpretes, músicos, editoras e gravadoras recebam pela execução das obras. Apontado pela revista "Information Week Brasil" como a quinta empresa nacional mais inovadora no uso da Tecnologia de Informação (TI), o Ecad desenvolveu um *software* 100% nacional, em parceria com o Centro de Estudos em Telecomunicações da PUC-Rio, que permite identificar qual música está sendo tocada em determinado momento, além de fornecer informações detalhadas sobre os titulares dos direitos. A novidade foi apresentada no final de outubro, no Rio de Janeiro, onde fica a sede nacional do escritório central.

Chamado de TEC Cia (Captação e Identificação Automática), o sistema terá uma primeira versão exclusiva para rádio. Ele se propõe a agilizar o trabalho de apuração de repertório, já que muitas emissoras não enviam o relatório das obras tocadas, obrigando o próprio escritório a fazê-lo, de modo a garantir a distribuição. É o que explica o gerente de distribuição do Ecad, Mario Sergio Campos. Até o fim do ano, todas as unidades do órgão em 13 capitais brasileiras já utilizarão o sistema, que conta com antenas de captação e com o *software* para a "tradução" dos dados.

Campos destaca como grande vantagem a precisão do programa. "Era uma demanda nossa, porque não tínhamos o controle de todo o processo de captação. Agora, sabemos até o que foi tocado nas rádios inadimplentes e podemos calcular quanto elas devem aos autores, o que é uma forma de pressioná-las a se legalizarem. Outro avanço é que agora monitoramos a programação das rádios 24 horas por dia, o que não acontecia", afirma Campos.

O primeiro passo para que o sistema entrasse em funcionamento foi extrair a "impressão digital" de cada uma das cerca de 30 mil músicas cadastradas no acervo do Ecad. Isso ocorre através da análise da frequência sonora da faixa. Depois, há um casamento entre as informações capturadas e o banco de dados do escritório de arrecadação.

De acordo com José Pires, gerente-executivo de TI e Planejamento Estratégico do Ecad, o principal diferencial da tecnologia em relação a sistemas similares desenvolvidos em outros países é a capacidade de identificar músicas mesmo em formato analógico. No caso do Brasil, com muitas emissoras ainda em AM, trata-se de um trunfo importante. Pires conta que, desde o início da pesquisa até o lançamento do Ecad TEC Cia Rádio, passaram-se três anos e foram investidos cerca de R\$ 3 milhões, incluídas a programação do *software*, pela PUC-Rio, e a aquisição das antenas de captação.

"O TEC Cia Rádio faz parte de uma família que ainda vai crescer. Para o ano que vem, devemos implementar o mesmo tipo de monitoramento automático no audiovisual e, posteriormente, na internet. O processo é todo auditável e permite uma confiabilidade maior, além de ser mais transparente. Investir em tecnologia é fundamental para o nosso trabalho", avalia José Pires.

UBC NA REDE 1

Em dúvida sobre os repasses dos seus direitos de autor? Quer saber quais são os percentuais corretos? Precisa atualizar seus dados? Faça como 680 associados e acesse o Portal do Associado (<http://portal.ubc.org.br/>), uma ferramenta da UBC destinada a ajudá-lo a organizar os pagamentos a que tem direito. Para solicitar nome e senha de cadastro, escreva para atendimento@ubc.org.br. Atenção: se quiser acesso a informações financeiras, deve mencioná-lo explicitamente no pedido. Uma vez que o titular passe a receber os extratos pelo portal, já não terá os demonstrativos em papel.

UBC NA REDE 2

Mais de três mil pessoas já curtiram a nossa página no Facebook. Canal de comunicação instantâneo entre a UBC e os seus milhares de associados, o espaço na rede social tem sempre notícias fresquinhas e relevantes. Se você quer ficar por dentro de novidades do mundo dos direitos autorais, basta acessar www.facebook.com/UBCMusica e clicar no botão "Curtir".

ECAD IN RIO

Cerca de 150 fiscais do Ecad foram escalados para o último Rock in Rio, entre setembro e outubro. O motivo? Conscientizar o público sobre a importância de remunerar corretamente os autores. O escritório teve um espaço de destaque oferecido pela organização do maior festival de música do país. Para o criador do RIR, Roberto Medina, "respeitar o direito autoral é fundamental para o brilho de toda a indústria da música. É a forma de mantermos a qualidade cada vez maior do repertório musical brasileiro".

ROUPA NOVA, ANO 31

BANDA COSTURA O PAÍS NUMA TURNÊ SEM FIM DE 120 SHOWS POR ANO, E SEUS INTEGRANTES, QUASE SESSENTÕES, COMEMORAM SUCESSO ENTRE JOVENS

Por William Helal Filho * Fotos de Marcos Alves

Nos últimos 30 anos, o Brasil teve sete presidentes, trocou de moeda cinco vezes e viu sua população crescer mais de 60%. Nessas três décadas, seis países ganharam a Copa do Mundo, a cerimônia do Oscar teve 25 apresentadores e a média anual de tragédias climáticas no planeta subiu de 133 para 350. Os carros mudaram de design, os biquínis ficaram menores, e a internet revolucionou a indústria musical. Foram muitas transformações. Mas, desde 1981, quando lançou o seu disco de estreia, a banda Roupas Nova – criada um ano antes – mantém sua formação original. Há mais de três décadas, Serginho Herval, Paulinho, Kiko, Nando, Ricardo Feghali e Cleberson Horsth costuram o país de Norte a Sul fazendo shows, numa espécie de turnê sem fim. Hoje à beira dos 60 anos de vida, os "rapazes" têm fôlego de sobra e realizam mais de 120 shows por ano, impulsionados pela energia com que o público de cada cidade canta suas dezenas de *hits*.

"Por mais exaustiva que seja uma viagem, todo o cansaço vai embora quando a gente sobe no palco e vê aquela multidão cantando todas as músicas com a gente", garante o tecladista Ricardo Feghali, antes de explicar as razões que fazem do Roupas Nova um dos grupos brasileiros mais antigos em atividade. Somos uma banda democrática, sem um líder. Aqui a gente divide os direitos autorais de todas as músicas igualmente entre os seis. E não tem ninguém no grupo querendo aparecer mais que os outros."

"Dona", "Sapato velho", "Whisky a Go Go", "Coração pirata", "Felicidade", "Linda demais"... O Roupas Nova conta com um arsenal enorme de sucessos – e a presença maciça em trilhas de novelas (35 ao todo) tem tudo a ver com isso. Ao longo de mais de 30 anos, o apelo desses muitos *hits* alavancou as vendas de discos a números astronômicos. Só o álbum "Roupas Nova" de 1985, quinto LP do grupo carioca, teve mais de 2,2 milhões de cópias vendidas. São marcas expressivas, mas o principal tesouro acumulado no caminho que continua a ser percorrido pelo grupo são as histórias por trás das conquistas. Na década de 70, os seis músicos tocavam numa banda chamada Famk, que, em 1980, passou a trabalhar com o produtor musical Mariozinho Rocha e trocou seu nome para Roupas Nova. Foi a senha para o estrelato. A partir de então, o sexteto se tornou uma fábrica de *hits*. Lembrar o nascimento dessas canções é algo que, ainda hoje, arranca risadas dos músicos.

"'Whisky a Go Go' tem uma história legal. A banda estava na maior indecisão sobre se gravava ou não. Não gostávamos da segunda parte da música e fomos mexendo, em comum acordo com os autores (Paulo Massadas e Michael Sullivan). Aquilo foi virando uma festa dentro do estúdio. Na época, não se gravava um disco por segmentos (cada instrumento de uma vez) como é hoje. Era a banda inteira tocando no estúdio, então tudo sempre acabava em festa", conta o pianista Cleberson Horsth, sobre um dos maiores *hits* do Roupas Nova,



Divulgação

gravado em 1984. "Quando terminamos a música, as rádios disputaram para ver qual delas iria tocar primeiro. É uma canção muito forte, que nunca pode ficar de fora dos shows." O diretor de TV Daniel Filho adorou "Whisky a Go Go".

Um dos versos inspirou o nome da novela "Um sonho a mais", e a gravação, claro, fez parte da trilha sonora do programa. Nos shows, a música é sempre uma das mais pedidas – e mais cantadas. Esse calor do público durante as apresentações do Roupas Nova é um dos maiores motivos para manter o grupo sempre no ar. Os seis amigos passaram boa parte das últimas três décadas longe de casa. Os filhos de todos eles tiveram que entender a ausência dos pais nas festas de aniversário. E vários integrantes da banda também não estavam por perto quando seus bebês nasceram. Feghali conseguiu filmar o parto de seu primeiro filho, mas estava em Garapuava (MG), para um show, no dia em que nasceu a filha Carol, hoje com 23 anos.

"No meio do show, o Serginho dedicou para a minha filha a música 'Herança', que eu tinha feito com o Kiko e que fala sobre deixar o mundo melhor para as crianças. Chorei muito nessa hora. Só que a Carol me cobra a ausência até hoje", conta Feghali, em tom de brincadeira. "Perder aniversário de filho é normal para todos nós. Durante as festas, os amigos sempre filmavam as crianças pedindo 'manda um beijo para o papai'" (risos).

Claro que muita coisa mudou na rotina de tantas viagens. Antigamente, o Roupas Nova passava um mês ou até mais tempo longe de casa, indo de um lugar para outro. Atualmente, eles viajam de jatinho fretado e ficam fora dois ou três dias antes de voltar para suas famílias. Eles também não percorrem longos percursos no ônibus da banda. A regra é: se o destino for a mais de 250km de distância, o sexteto só viaja de avião. Mas nenhum desses cuidados diminuiu o ritmo das viagens. A banda ainda é uma das mais procuradas para tocar em aniversários de cidades do interior do país, feiras agropecuárias e eventos desse tipo.

Na hora de falar sobre os shows mais cheios, Cleberson resgata a memória do primeiro Rock in Rio, em 1985, quando o público diante deles foi de cem mil pessoas, mas também cita esses eventos abertos para dezenas de milhares de fãs no interior do Brasil. E poucas coisas deixam essa trupe mais feliz do que ver a quantidade de rostos jovens no meio da multidão. "Há pouco tempo a gente fez uma pesquisa na internet para saber a idade média dos nossos fãs e vimos que 75% deles têm de 15 a 24 anos. É uma alegria saber disso. Nos shows, o Nando às vezes pergunta no microfone: 'Quem aqui tem menos de 25 anos?', e a maior galera sempre levanta as mãos gritando", descreve Feghali, orgulhoso.

Algumas das últimas parcerias do grupo sublinham essa proximidade com o público renovado. Ao longo da sua história, o Roupas Nova já gravou com medalhões do calibre de Roberto Carlos, Fagner, Rita Lee e Milton Nascimento, mas também com artistas de gerações mais recentes, a exemplo de Ivete Sangalo, Claudia Leitte e Marjorie Estiano. No DVD ao vivo lançado em 2010, para comemorar os 30 anos do grupo, o sexteto reforçou esses laços jovens ao gravar "Show de rock n' roll" com a banda gaúcha Fresno, um sucesso entre os adolescentes, e "Chuva de prata" com a popstar Sandy Leah, de 28 anos.

O CD ao vivo para festejar os 30 anos registrou números de vendas bem mais tímidos do que as marcas atingidas pelo Roupas Nova nos anos 80 e 90. A paixão dos fãs continua, mas os tempos são outros. Na era da pirataria virtual, a maioria das pessoas baixa tudo o que quer sem dar satisfação aos artistas. O músico Feghali sabe disso e sugere um caminho para pôr as coisas nos eixos.



Divulgação

"É preciso buscar novos formatos. A internet não deveria servir para a pirataria. Uma boa maneira de evitar isso é por meio de sites patrocinados. O artista lança um álbum na internet, e o patrocinador do site reverte para ele uma cota para cada música baixada pelos fãs."

Mas os músicos da banda não mostram qualquer tipo de rancor ao comentar a nova realidade, em que ninguém mais vende tanto quanto décadas atrás. Eles estão felizes porque continuam na estrada, certos de que há várias de suas canções entre as 25 mais tocadas nos MP3 players de seu público renovado.

"É muito gratificante ver que as novas gerações se identificam com as nossas músicas. Isso também nos dá motivação para trabalhar. A gente continua em plena atividade. Estou até resfriado de tanto viajar e fazer shows. Graças a Deus", afirma Cleberson.

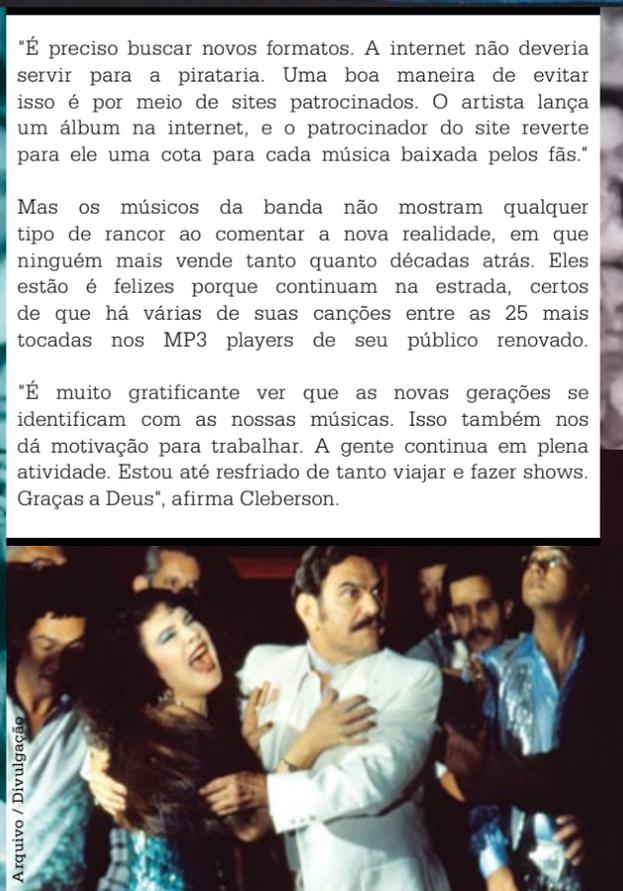
IBOPE RENOVADO

Quando a banda Roupas Nova gravou a música "Dona" para a trilha sonora da novela "Roque Santeiro", seus músicos não poderiam imaginar que, 26 anos depois, a personagem Viúva Porcina (Regina Duarte) estaria de volta à TV acompanhada pela canção. A novela (foto) reestreado este ano, no Canal Viva, e fez muita gente virar - ou voltar a ser - fã da trama escrita por Dias Gomes e Aguinaldo Silva. Um dos grandes sucessos do sexteto carioca, "Dona" ganhou ainda mais projeção com a reprise de "Roque Santeiro".

"É uma música muito forte, acompanhada por uma atriz maravilhosa. O Mariozinho (Rocha, primeiro produtor musical do grupo) vinha insistindo para a banda gravar 'Dona' havia uns dois anos, mas a gente ficava na dúvida. Aí ele pediu mais uma vez, dizendo que a gravação entraria na novela e seria a música de uma personagem incrível vivida por Regina Duarte. Aceitamos e foi um sucesso enorme. A música nunca ficou de fora dos shows, e é muito bom saber que está de volta à TV", conta Cleberson Horsth.

O pianista do Roupas Nova conta ainda uma história engraçada do baú.

"Assim que terminamos de gravar 'Dona', a luz no estúdio acabou. A faixa foi do jeito que estava para a mixagem. Deu certo."



Arquivo / Divulgação



UM MUNDO DE MÚSICAS AO ALCANCE DE UM CLIQUE

UBC INTEGRA GRUPO DE TRABALHO QUE DESENHA O GRD, UM BANCO DE DADOS QUE SE PROPÕE A AGREGAR INFORMAÇÕES SOBRE VIRTUALMENTE TODAS AS OBRAS JÁ REGISTRADAS

Por Cláudia Amorim

O empreendimento é de grande porte: criar um sistema mundial, único, capaz de reunir informações sobre os titulares dos direitos de todas as obras musicais e os responsáveis pelo seu licenciamento em cada território. Parece utopia, mas pode virar realidade pelas mãos de um consórcio formado por entidades arrecadadoras, empresas provedoras de serviços digitais, editoras e associações de autores de vários países. A novidade, que pode ser uma solução para várias dificuldades enfrentadas na área hoje, atende pela sigla GRD, de Global Repertoire Database (ou banco de dados de repertório global, em tradução livre).

"O usuário vai poder acessar o sistema e ver quem já gravou aquela música, em que filmes ela apareceu, quem tem os direitos, como funciona o licenciamento em cada território, enfim, todas as informações necessárias", explica Marisa Gandelman, diretora executiva da União Brasileira de Compositores, que, como parte da Cisac (Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores), tem acompanhado o grupo de trabalho que se dedica ao GRD.

Além da Cisac, integram a iniciativa Google, ECSA (European Composer and Songwriter Alliance) e Omnifone, entre outros. Desde o primeiro momento em que o GRD foi concebido, estavam entre os seus membros originais a EMI Music Publishing, a Universal Music Publishing, o iTunes, a Amazon e a Nokia. A etapa que está em curso, iniciada em setembro, é um estudo a cargo da Deloitte que vai desenhar, ao longo de 20 semanas, o escopo do projeto. São definições sobre temas como o funcionamento do banco de dados, os recursos que serão necessários e quem serão os participantes do sistema.

"Na fase em que estamos, há sempre novos temas em debate, é preciso acompanhar de perto. Como as reuniões de trabalho são feitas em Londres, participo normalmente via conferência telefônica no grupo de Comunicação, responsável pela difusão da iniciativa junto a todos os possíveis interessados. O estudo vai decidir as regras de governança do sistema, sua estrutura, como ele vai se pagar e se manter e toda a sua dinâmica de funcionamento. Em outras palavras, vai desenhar o funcionamento do GRD", explica Marisa.

A ideia é que, quando estiver funcionando, o GRD racionalize esforços e gastos e, além de trazer mais agilidade e eficiência para a atividade e beneficiar todos os envolvidos no recolhimento e no pagamento de direitos sobre as obras, incentive o comércio da música licenciada. Marisa Gandelman conta que o movimento que deu origem ao projeto começou a partir de 2005, na Europa. Muitos usuários passaram a questionar a contradição entre um mercado comum europeu e a restrição de licenças limitadas a cada país. Alguns casos foram parar na Justiça, o que motivou o dispêndio de esforços em busca de uma solução oficial. Neelie Kroes, que é responsável pela agenda digital da Comissão Europeia e na época respondia pelo setor de concorrência, promoveu em 2008 mesas-redondas que se tornaram o embrião do grupo de trabalho. O ano passado marcou o início das atividades relacionadas ao GRD, quando o grupo entrou em contato oficialmente com 90 organizações do setor distribuídas pelo planeta.

"O GRD vai facilitar o comércio através da centralização e unificação da informação, além de diminuir custos como os que cada um tem hoje para alimentar e atualizar suas respectivas bases de dados. Mas isso não seria possível sem os dados que já existem. Se começasse do zero, seria difícil chegar à entrega do produto final desejado. As bases de dados que as sociedades de autores têm serão de grande valia. Dados de qualidade, produzidos e mantidos pelas sociedades de autores, são o ativo que, a partir de um espírito colaborativo, vai permitir a criação e efetiva existência dessa ferramenta global", conclui Marisa.

FINAL (OU COMEÇO) FELIZ PARA O ITUNES NO BRASIL

Um dos últimos grandes mercados do planeta que ainda não dispõem do serviço de venda de músicas pela internet iTunes, o Brasil deverá estreitar a loja virtual já no início de 2012. As dificuldades relacionadas ao licenciamento foram uma das principais razões da demora. Aloysio Reis, diretor geral da Sony/ATV Music Publishing e representante de todas as editoras filiadas à Uem na negociação com a Apple (detentora do iTunes), diz que está prestes a ser fechado um acordo único que vai definir a forma como será feita a coleta e a distribuição de direitos autorais.

"Estamos numa negociação decisiva sobre como centralizar a liquidação dos direitos para posterior distribuição dentro da lei. Em breve teremos tudo definido", garante Aloysio. [🔗](#)



Paloma, Janaína e Renato

PAPO (PARA ABRIR A) CABEÇA

VENCEDORES DE CONCURSO DE MONOGRAFIAS SOBRE DIREITO AUTORAL PROMOVIDO PELA UBC ENFATIZAM PAPEL DO CRIADOR NO PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA E O CONVIDAM A SE ENVOLVER MAIS NOS DEBATES

Por Leonardo Cazes * Fotos de arquivo pessoal

Os três primeiros colocados no I Concurso Nacional de Monografias, Dissertações e Teses sobre Direito Autoral Musical, promovido pela UBC em parceria com a Associação Brasileira de Gestão Cultural (ABGC) e a editora E-Livre, desde cedo estiveram envolvidos com a música, seja como produtores ou estrelas do espetáculo. Enão podia ser diferente. Com abordagens distintas, os trabalhos apresentam uma rica contribuição ao debate sobre propriedade intelectual de obras musicais no Brasil, convidando os autores a se envolver mais na discussão. Com o tema "A sucessão de direitos de autor nas músicas advindas de conhecimentos tradicionais: estudo de caso na 'Família Guiga'", a mineira Paloma Goulart, de 29 anos, faturou o primeiro lugar. Ela apresentou o trabalho na conclusão do seu curso de especialização em Direito Privado na Universidade Cândido Mendes/Praetorium. No texto, a advogada explorou as formas como se dá a proteção aos compositores no caso de músicas passadas oralmente de geração em geração. Para Paloma, mesmo nessas situações não há motivos para negar o direito do autor sobre a obra. "A valorização das culturas populares tradicionais, dos povos indígenas e das culturas afro-brasileiras, passa pela efetivação de direitos que assegurem a quem mantém vivo esses conhecimentos a obtenção de benefícios econômicos, se quiserem, decorrentes do acesso às suas obras", defende Paloma, que desde 2004 participa ativamente de projetos culturais em Minas Gerais.

Na segunda colocação ficou o trabalho de Janaína Souza Vargas, de 31 anos, "A eficácia dos direitos autorais musicais em relação às concessionárias de radiodifusão sonora",

elaborada por ela na conclusão do curso de graduação em Direito no Centro Universitário Ritter dos Reis, em Porto Alegre. Há mais de 15 anos envolvida com música, como cantora, produtora e até sócia de gravadora, Janaína investiu num tema relevante para quem tira o seu sustento da arte: a omissão do intérprete e do compositor muitas vezes praticada pelas emissoras de rádio, além do não pagamento de direitos autorais.

Advogada atuante na área, Janaína chama atenção para as atuais discussões relacionadas à revisão da legislação e se mostra preocupada com a falta de mobilização dos artistas. "Percebo que a maioria dos compositores e artistas está distante da discussão de reforma, e isso é muito sério. Vejo que a lei, apesar de ter alguns quesitos a serem aprimorados, protege os criadores. A quem a atual lei, que obriga os usuários de música (entre eles as emissoras de rádio e TV) a pagar pela utilização das obras, iria beneficiar se houvesse uma gerência estatal sobre estes direitos, consagradamente privados? Aos criadores, que já têm esse direito tutelado, certamente não", critica.

Outro mineiro, Renato Rosa, de 26 anos, ficou com o terceiro lugar. Ele preferiu apostar na filosofia em seu trabalho de conclusão de curso na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e atacou de "Filosofia, arte e direito: análise do aspecto subjetivo da criação artística para a compreensão dos fundamentos de proteção ao direito de autor".

Advogado e compositor, Renato teve como motivação inicial as discussões com amigos que eram a favor de mudanças radicais na lei do direito autoral brasileiro. Ao perceber que lhes faltava embasamento teórico, sentiu-se instigado a pesquisar na história da filosofia e no direito para pensar as transformações no consumo de música. Afinal, teria mesmo morrido a figura do autor?

Para ele, é impossível excluir o criador do processo cultural. "Apesar de a internet mudar a forma de as pessoas consumirem arte, o processo continua o mesmo, envolvendo o autor, que lhe dá forma, o público, que age na produção de sentido, e a própria obra em si. É antinatural tirar o autor desse processo. É por isso que o direito autorial é tão importante".

Paloma, Janaína e Renato receberam R\$ 3 mil, R\$ 2 mil e R\$ 1 mil, respectivamente. A cerimônia de premiação foi em 22 de novembro, na sede da UBC, no Rio. A monografia vencedora terá publicação digital pela E-Livre. [🔗](#)

A VOLTA DO

Por Cláudia Amorim * Fotos de divulgação

O ensino de música nas escolas chegou a um momento decisivo. A Lei 11.769, de 18 de agosto de 2008, que o tornou obrigatório, estabeleceu um prazo de três anos letivos a partir da sua publicação para o início da vigência. Ou seja, as escolas precisam estar prontas para essa importante modificação nos seus currículos em 2012. Detratores da medida alegam que ela não deveria ter vindo sem uma mudança mais profunda no conteúdo ensinado nos ensinamentos fundamental e médio. Para além da discussão, contudo, no meio musical o início dessa nova etapa está cercado de grandes expectativas.

Magali Kleber, presidente da Associação Brasileira de Educadores Musicais, comemora as novidades. E uma das principais é que a entidade foi convidada a participar da reunião do Conselho Nacional de Educação (CNE), dia 7 de novembro, para debater as diretrizes nacionais do ensino de música nas escolas.

"A ideia é traçar o que vai ser feito a curto, médio e longo prazos. O processo é sempre longo e difícil, com problemas como a dimensão continental do país, a diversidade e as diferenças sociais, mas há várias experiências e avanços importantes. Estão vindo à tona exemplos, propostas, divergências e convergências. Não é utópico, já tem muita coisa sendo feita e pensada. Serão introduzidos projetos pilotos que resultarão em políticas públicas de grande alcance. E muitos lugares já implantaram (a educação musical nos colégios), como Natal, Vitória, o Estado do Rio Grande do Sul... Há iniciativas boas, só é preciso aprofundar o diálogo entre o governo e as bases, e a reunião do CNE é o melhor exemplo disso", enfatiza.

PRESTES A ENTRAR EM VIGOR, LEI QUE REINTRODUZ AULAS DE MÚSICA NAS ESCOLAS AINDA GERA DÚVIDAS

ENSINO MUSICAL



Não à toa, a lei que resgata o ensino de música nas escolas descreve a iniciativa como um meio de promover o aprimoramento cultural dos estudantes. A música pode ajudar na aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, linguístico, psicomotor e socioafetivo.

"É possível medir a importância do ensino musical nas escolas pelo trabalho que Villa-Lobos realizou entre 1935 e 1945, foi fundamental. A maioria dos compositores e intérpretes que hoje têm entre 60 e 70 anos é fruto dessa educação musical", exalta Turíbio Santos, violonista que dirigiu o Museu Villa-Lobos por 24 anos.

Turíbio também defende que o ensino obrigatório de música nas escolas leve para as discussões em sala de aula o tema do direito autoral:

"Isso é importantíssimo. Com a internet, surgiu uma questão nova que tem que ser rediscutida, repensada. Não se pode perder de vista que todas as músicas que circulam têm autor, e o autor tem que receber seus direitos sobre isso, tem que ser protegido. Ou isso vai acabar demolindo a criação musical. O assunto tem que ser muito debatido, também nas escolas."

A proposta de Turíbio poderia ser uma das discutidas na reunião do Conselho Nacional de Educação, já que a definição sobre o que deve ou não fazer parte das aulas de música nas escolas está em aberto. A assessoria de comunicação do Ministério da Educação informa que o ensino musical obrigatório entrou na pauta do CNE porque é papel do MEC orientar os responsáveis por aplicar a lei, e os questionamentos que chegam das secretarias de educação do país estão guiando a discussão. Por enquanto, o que deve pautar os debates é o estabelecimento de critérios sobre que formação o professor deve ter. A resposta para essa questão segue a tendência de não priorizar exigências e educação formal no ensino musical, uma tradição no Brasil, como pondera o MEC. Como se dará a contratação e como serão os eventuais concursos públicos também são dúvidas que permanecem.

No Rio, a Secretaria municipal de Educação diz que 250 escolas de sua rede – de ensino fundamental – já contam com aulas de música. Para atender à lei, o estudo da música passou a fazer parte da grade curricular obrigatória do 6º ano, o que, segundo a secretaria, vem sendo implementado gradativamente, com a convocação de 407 professores de Educação Musical com formação em licenciatura plena em Música. Como se vê, pela diferença entre essa formação e a flexibilização das exigências para a contratação dos professores a ser discutida a partir do Conselho Nacional de Educação, ainda há muito que se definir para que o tema entre no compasso.

O PASSO NO CAMINHO DAS PEDRAS

Quando o assunto é educação, uma das palavras que mais aparecem é inclusão. E é justamente essa a ideia reforçada pelo método de ensino em música O Passo. Lucas Ciavatta, o criador, destaca que as aulas partem de apenas dois recursos necessários: palmas e voz. Além de a inclusão aparecer aí em forma de independência material, Lucas ressalta que o método se baseia numa das vantagens mais importantes de se aprender música: a abertura de um novo universo para o aluno.

"O Passo trabalha com a construção de uma base, algo que traz inúmeras possibilidades e abre uma porta, não apenas para os ritmos e sons, mas para a rítmica como um todo. Depois de colocar a pessoa para dentro, tem que ver como ela vai permanecer: é aí que começa de fato o trabalho de inclusão. Ela precisa fazer diferença no grupo", diz Lucas, que ensina O Passo no Conservatório Brasileiro de Música, além de promover também cursos em instituições prestigiosas como o Westminster Choir College, nos Estados Unidos, e o Conservatoire National Supérieur Musique et Danse de Lyon, na França.

O criador do método combate em seu trabalho ideias nocivas recorrentes, como o rótulo de "incurável": aquele que não teria talento para ter aulas de música.

"Eu digo que a pessoa precisa apenas saber andar para aprender com O Passo", rebate ele, que vê o método como um herdeiro do projeto Villa-Lobos de educação musical e defende que professores de outras áreas, sem especialização em música, usem O Passo. "Ele oferece uma possibilidade de o professor que não é especialista começar um trabalho consistente na área."

Definido como um modelo de regência com os pés que permite uma compreensão mais sólida da música, O Passo está sendo adotado pela Secretaria municipal de Educação do Rio de Janeiro para formar 22 professores (a turma inicial previa 30, mas nem todos começaram o curso). A iniciativa é parte de uma parceria com o Rock in Rio que prevê a montagem de 10 salas de música em escolas municipais – a primeira inaugurada em agosto – equipadas com isolamento acústico, iluminação especial, aparelhos de TV, CD e DVD e 30 instrumentos de percussão. Segundo a secretaria, o objetivo é que a experiência seja um projeto piloto que possa ser expandido no futuro para todas as escolas públicas do Rio.

"Um problema comum é o professor não ter um lugar para dar aula de música", aponta Lucas, que acha que o ensino na área passa por um momento importante e destaca outra característica do método que criou. "O Passo está vivo e mudando: quanto mais a gente trocar, mais a gente vai crescer", completa o criador do método, tema de um curso intensivo no XX Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, mês passado, em Vitória (ES). 

CPI DO ECAD: O LADO OCULTO DA LUA

EM DEPOIMENTO NO SENADO, O DIRETOR-PRESIDENTE DA UBC, FERNANDO BRANT, LEVANTA PONTOS NEGLIGENCIADOS NA DISCUSSÃO. CONFIRA

Para ser criada no Congresso Nacional, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) deve ter um objetivo específico que a justifique. Contudo, a chamada CPI do Ecad, em andamento no Senado Federal para investigar supostas irregularidades na gestão dos direitos autorais, parece carecer de foco e se transformou em um palco público para discutir questões privadas - a administração de bens particulares, as criações dos autores. Enquanto alguns defendem abertamente a estatização do Ecad, outros manifestam o desejo de um controle maior do Estado sobre a gestão dos direitos autorais, sem levar em conta o avanço da legislação brasileira no que diz respeito a esta questão.

Com base em denúncias infundadas de irregularidades no sistema de arrecadação e distribuição, a CPI foi instalada em junho deste ano. Porém, conduzida de maneira claramente parcial e integrada por pessoas que não possuem qualquer conhecimento sobre a administração dos direitos de execução pública, não contribui no fortalecimento dos direitos de autor e politiza uma discussão que deveria ser

feita prioritariamente entre artistas e empresas usuárias de música. Em seu depoimento, o diretor-presidente da União Brasileira de Compositores, Fernando Brant, colocou os principais pontos que precisam ser levados em consideração. Não é possível deixar a discussão cair em uma luta política fratricida na qual os mais prejudicados são os responsáveis pelas mais belas manifestações artísticas brasileiras.

"Ao lado do trabalho e da criatividade, o autor necessita de sorte, persistência. Tem de estar disposto a enfrentar muita incompreensão. Precisa ser original no que faz e sagaz na relação com a indústria cultural, com o mercado editorial e de comunicação.

Em plena ditadura militar, os grandes autores brasileiros se uniram para exigir que a arrecadação e distribuição dos direitos autorais fosse unificada. Como era na maioria dos países. Foi uma bela batalha, coroada pela sensibilidade do Ministro do Supremo, Moreira Alves, que introduziu na primeira lei autoral brasileira, o escritório central de arrecadação e distribuição. **Foi o nascimento do Ecad, uma conquista dos autores, músicos e cantores brasileiros.**

Donos de emissoras de rádio não queriam pagar direitos autorais, pois estavam, segundo eles, divulgando a obra. Inútil dizer-lhes que divulgação não paga comida, escola, aluguel, taxas e impostos. Ou alertá-los para o fato de que estariam, sem autorização, usando o trabalho alheio. **As emissoras de televisão também não concordavam em pagar pelo uso de música. E os exibidores de cinema. E as prefeituras, os governos em geral.**

Depois de muita luta, de muitos anos de esclarecimento sobre o que ocorria em todo mundo, **a situação foi**

melhorando. Nossos direitos passaram a ser reconhecidos. Muitos começaram a observar os direitos dos autores musicais. **Mas a cada um que respeita os criadores e as leis, surge um outro disposto a burlar, piratear, usar sem autorização o que não lhe pertence. Brigar pelos direitos autorais é uma batalha sem fim.** E é aí que surge a Justiça, interpretando e aplicando a Constituição e a lei autoral do país. Lei nova, de pouco mais de doze anos de existência, uma quase adolescente em termos de legislação, que agora tem entendimento pacificado pelos tribunais superiores e pelos juízes brasileiros. E alguns interesseiros e outros, incautos, querem mudá-la. **Aprimorar sim, transformar não.**

E me lembro do que me disse Mário Lago, esse gigante da cultura brasileira, narrando os primeiros tempos em que os próprios compositores saíam para cobrar os seus direitos. Eram ameaçados de agressão e até prisão. Não mudou muito a realidade. **Enquanto os civilizados reconhecem o direito dos criadores em receber pelo que criam, sempre existem organizações desinformadas e mal intencionadas que tudo fazem para tumultuar o ambiente e fugir à obrigação de reconhecer os direitos autorais.**

A única maneira de se defender o direito autoral musical é pela gestão coletiva. São milhões de canções e milhares os compositores, músicos e intérpretes. É vasto o mundo. A gestão coletiva surgiu da necessidade de se organizar a autorização, o controle, a arrecadação e a distribuição dos direitos autorais da obra. A impossibilidade de cada autor controlar a utilização de sua obra, em todos os cantos do país e do mundo, faz com que eles se reúnam em sociedades para gerir seus direitos. **A gestão coletiva garante os direitos dos autores e preserva os usuários,** pois eles recebem uma autorização ampla e única. E o autor, segundo a lei brasileira, pode, se quiser, não se associar e administrar por conta própria a sua obra. A possibilidade de êxito dessa iniciativa é pequena, mas o autor possui essa liberdade.

Vacinados contra o vírus do autoritarismo, por tê-lo vivido nos tempos da ditadura, não somos daqueles que, a qualquer obstáculo, buscam a proteção do Estado, essa mão, dúbia, que "afaga e apedreja". **Os problemas dos cidadãos devem ser resolvidos por eles.** A função do Estado, que vive dos impostos que lhe pagamos, é cuidar das grandes questões da coletividade: educação, saúde e segurança públicas, infra-estrutura. Resistimos por não querer, como Prometeu, viver acorrentados.

Recusamos o paternalismo estatal, e mais ainda a intervenção, porque **temos, essa sim a nos defender, a Constituição Brasileira.**

Está lá, no artigo 5º, inciso XVIII, de nossa Carta Magna: " a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas, independe de autorização, sendo vedada a intervenção estatal em seu funcionamento." Essa é uma cláusula pétrea, não pode ser modificada, de acordo com o artigo 60 da Lei Maior: " não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir... os direitos e garantias individuais".

O Ecad é fiscalizado, como qualquer empresa privada, pela Receita Federal, INSS, Ministério do Trabalho. Tem auditoria interna e externa, independente. Publica seus balanços na internet. Mas o verdadeiro fiscal do Ecad, que é apenas o braço arrecadador dos autores, é o autor, que é a razão de sua existência, o seu dono.

Com a redemocratização do País, em 1985, o novo Governo criou o Ministério da Cultura e vinculou a ele o CNDA-Conselho Nacional de Direitos Autorais, criado pela lei 5988,

de 73. Com a Constituinte, o novo CNDA desempenhou papel importante na afirmação da importância dos direitos autorais, influenciando para que a redação do artigo 5º, "Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos", cláusula pétrea de nossa Constituição, protegesse de fato os autores e suas obras. Está lá no inciso XXVII: " aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar."

Tenho em mim um sentimento coletivo que não enxergo em muitos dos meus companheiros de profissão. **Por inocência ou ignorância da realidade do direito autoral no Brasil, declaram publicamente ideias que agridem os seus próprios interesses.** Falam mal do prato e do cozinheiro que os alimenta. Com isso, dão força a quem não os respeita e os quer como pedintes. Aderem aos que não querem pagar pelos seus direitos. Coitados, abdicam do direito e responsabilidade de gerir o que é deles e clamam pela proteção do Estado. Que artistas são esses, que cidadãos são esses que, no palco da mídia, confessam sua incapacidade de solucionar seus problemas? **As portas da gestão de seus direitos estão abertas, porque são deles. Venham ajudar o imperfeito a melhorar.**

O Estado não foi feito para isso. Ele é uma criação do homem para cuidar do bem comum. O particular é questão para ser resolvida pelo particular. Seriam essas pessoas capazes de delegar ao Estado à criação de seus filhos? A resolução de seus problemas conjugais? **De uma fraude cometida por um estelionatário, e que era caso para a polícia investigar, e ela o fez, cria-se uma sórdida campanha na imprensa para esconder interesses escusos.**

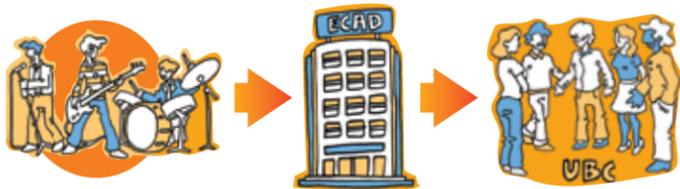
Os Senadores certamente não conheciam o lado oculto da lua. Espero que essa CPI possa iluminar a verdade e esclarecer as mentiras e os interesses obscuros que estão por trás de tudo isso.

Leia em nosso site o depoimento na íntegra: <http://tinyurl.com/DepoimentoFernandoBrant> 

DEPUTADO QUER TIRAR DOS AUTORES 50% DA ARRECAÇÃO COM DIREITOS

E a intromissão do poder público na administração de verbas privadas não para. O deputado Ratinho Júnior (PSC-PR) apresentou na Câmara dos Deputados um projeto que altera a legislação sobre direitos autorais e obriga o Ecad a repassar aos municípios 50% do que é arrecadado mensalmente em todo o país. Segundo a proposta, caberia às secretarias municipais de Cultura decidir onde investir o montante recebido. Pela ideia, as prefeituras seriam as responsáveis por "fiscalizar" o escritório central, as associações que representam os autores e os usuários de música. A alegação para a tentativa de tungar o dinheiro dos criadores de obras musicais é que o "modelo atual facilita o desvio de recursos". O deputado não explicou que mecanismos criaria para impedir que tal desvio se desse nas mãos das mais de 5.500 prefeituras do Brasil. O projeto será inicialmente analisado pelas comissões de Educação e Cultura, Constituição e Justiça e Cidadania. Se aprovado, seguirá para votação em plenário.

PAGAMENTO E LIBERAÇÃO DE SHOWS: COMO PROCEDER



O MOMENTO DE MAIOR GLÓRIA PARA O ARTISTA É SUBIR AO PALCO E DIVIDIR COM O PÚBLICO O SEU TRABALHO. NO ENTANTO, ANTES DA EMOÇÃO DO SHOW, É PRECISO SEGUIR ALGUNS TRÂMITES LEGAIS PARA QUE OS DIREITOS DOS AUTORES DAS MÚSICAS SEJAM GARANTIDOS E RESPEITADOS. NOS SHOWS, NÃO SÃO COBRADOS DIREITOS CONEXOS, COMO OCORRE NA EXECUÇÃO EM EMISSORAS DE RÁDIO, JÁ QUE O INTÉRPRETE SE APRESENTA AO VIVO. PORTANTO, OS VALORES ARRECADADOS SE REFEREM APENAS AOS DIREITOS DO AUTOR DA OBRA.

Quando o autor se afilia à UBC, ele concede um mandato para que a associação atue em seu nome determinando as condições para o uso do seu repertório. Para efetuar o pagamento, o produtor do show deve entrar em contato diretamente com o departamento de arrecadação do Ecad, que é o escritório central de arrecadação de direitos.

Algumas vezes, normalmente quando o intérprete também é o autor das obras, ele prefere autorizar o uso do seu repertório diretamente. Isso pode ser feito. Porém, é necessária uma comunicação prévia à sua associação de gestão coletiva. Chamamos este procedimento de "liberação de show", e somente o autor ou a editora podem liberar a cobrança dos valores referentes à execução pública do seu repertório.

A fim de esclarecer como funciona este procedimento de liberação, montamos um rápido passo a passo para você poder curtir a parte mais importante do espetáculo, sem preocupações.

PRAZO:

É preciso enviar uma carta às sociedades de titulares dos direitos autorais, como a UBC, no mínimo três dias úteis antes do evento, sem contar as datas de envio e do show. Esta carta será encaminhada ao Ecad. (Sábados, domingos e feriados em geral também não contam.)

DOCUMENTAÇÃO:

Na carta, devem estar presentes a lista de músicas que serão executadas, assim como as assinaturas dos seus respectivos autores e/ou editoras (com RG, CPF e endereço), além do endereço do local do evento e sua data de realização. No caso de o intérprete não ser o titular dos direitos, ele deve pedir a estes que encaminhem cartas às entidades a que são filiados, informando sobre a liberação dos direitos.

OBRAS INTERNACIONAIS:

Caso sejam executadas obras de autores estrangeiros, o procedimento é um pouco diferente. É preciso enviar a mesma carta já citada em português e inglês, além de requisitar ao titular dos direitos autorais que envie às sociedades a que estão filiados um documento liberando suas criações. Neste documento devem constar a data e o local de realização do evento, bem como a lista de obras a ser executada. Caberá às sociedades estrangeiras às quais os autores estão filiados enviar confirmação desta liberação para a sociedade representante no Brasil.

PARCERIAS:

Se as obras a serem executadas forem parcerias, é preciso que todos os autores liberem a execução junto às suas respectivas sociedades de titulares de direitos autorais.

CUSTO ZERO:

Não há nenhuma taxa a ser paga pelo produtor do evento para liberá-lo.

COBRANÇA:

O Ecad é um órgão de fiscalização e não pode cancelar o espetáculo. No entanto, quem não paga os direitos autorais pode ser acionado na Justiça pelo escritório, na medida em que descumpra a Lei. Para evitar problemas, o produtor deve ter, no dia do evento, as cartas assinadas pelos autores e editoras das obras que serão executadas.

AUDITORIA:

O show "liberado" de pagamento pelos autores das obras está sujeito a uma visita de um representante do Ecad, que assegurará que o repertório executado é realmente o autorizado pelos autores e editoras.

Em caso de dúvidas, entre em contato com o setor de atendimento: atendimento@ubc.org.br

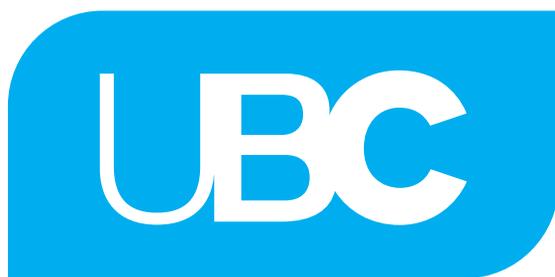
Acesse nosso novo site!



WWW.UBC.ORG.BR



A UBC ganhou uma nova marca.
Limpa, sólida e contemporânea, como nossa instituição.



União Brasileira de Compositores

A nova marca UBC tem um design simples e moderno. As letras ganham força progressivamente até atingir um C maciço, que representa os compositores, foco do nosso trabalho.

As letras que compõem a sigla estão mais unidas, sem espaços, o que traduz o nosso desejo de conexão, associação, tornando nossa marca um desenho único, um símbolo.

As nossas novas cores representam a crença na transparência e na modernidade e, ao mesmo tempo, reforçam a seriedade e a força com que a UBC trabalha.